

Biografia resumida:

DUARTE AMARAL NETTO (PT, 1976) vive e trabalha em Lisboa.

Estudou Fotografia no Ar.co - Centro de Arte e Comunicação Visual e tem o European Master of Photography Mestrado do IED Madrid.

Recebeu o Grand Prix du 48ème Salon de Montrouge em Paris e foi nomeado para a 8ª Edição do BES Photo Award (2012).

“O trabalho de Duarte é um constante apelo à sugestão narrativa da imagem. Enquanto espectador, fica-se sempre com a sensação de que a imagem é apenas um indício de algo que se prolonga para além do que é representado, para além do momento único que é tornado visível.” (Sérgio Mah)

Amaral Netto ensina Fotografia no Instituto Politécnico de Tomar desde 2003 e é membro fundador da HÉLICE, associação que visa promover e divulgar projetos com base na fotografia.

O seu trabalho tem sido apresentado em várias exposições individuais e colectivas em França, Espanha, Holanda, Alemanha e Portugal, entre outras.

Biografia resumida:

ANA VELEZ (PT, 1982) vive e trabalha entre Lisboa e Madrid.

É licenciada em Belas Artes pela Accademia Albertina de Belle Arti em Turim e pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. É também titular de um Mestrado em Pintura pela mesma universidade.

Utiliza o desenho como ferramenta direccional, questionando as suas múltiplas possibilidades materiais, o que a levou a desenvolver a sua prática no espaço público.

Através do seu trabalho, aborda temas baseados na identidade, construídos sobre três ideias: lugar, memória e corpo, destacando o lugar como um recipiente de memória e identidade.

Foi beneficiária do Fundo de Fomento Cultural Ministério da Cultura [2020], do Apoio à Internacionalização da Fundação Calouste Gulbenkian [2013], e da Bolsa Collezione Peggy Guggenheim [Veneza, Itália 2007], entre outras.

O seu trabalho está presente em numerosas colecções privadas e institucionais em Portugal, Espanha, França, Itália, Suíça, Rússia, e México.



Duarte Amaral Netto
Cratera

VERNISSAGE
09.03.

10.03 —
05.05.2023

Ana Velez
Ringue

A Tale for Cratera

Quando entrei na sala, a rapariga inclinou-se para trás, olhou-me fixamente durante alguns segundos e continuou a olhar pela janela.

“Fico feliz que tenhas voltado” - disse ela. “Ainda está tudo escuro, sem distinção entre dia e noite”.

Silêncio.

“Olha” - disse ela. “Tenho estado a observar um homem”. Ele é capaz de falar com as nuvens e está disfarçado de árvore. Consegues vê-lo ali de pé?!”

Olhei pela janela. Estava escuro.

Vinda de fora, uma luz fria e difusa iluminava o seu rosto.

“Eis a minha teoria” - disse a rapariga. “As coisas não são como as vemos. A cratera está a mudar tudo.”

“A cratera?” - respondi.

“Sim, não viste o filme?”

“Que filme?”

“O filme sobre o monólito” - a rapariga respondeu. “O monólito, tal como a cratera, tem a sua própria energia; a sua própria mente. Está a produzir um enorme campo eletromagnético que é capaz de mudar imagens. Ela está a mudar tudo o que vemos.”

A rapariga virou-se de novo para mim.

“Sabias que as imagens alteram a consciência?” – disse, sorrindo, como se me estivesse a tentar confortar.

“Estamos a mudar através delas.” - continuou.

“Primeiro, perdemos a sua luz. Tudo fica igual. Depois, perdemos a noção de tempo.” – A rapariga acena em silêncio enquanto se desloca para um canto mais escuro.

“Sem ciclos, sem formas. Perdemos lentamente o conhecimento sobre as coisas. Percebes isto?” - insistiu.

“Animal, árvore, pedra, mão, mesa. O que está por detrás dos nomes?”

Permanecemos em silêncio durante algum tempo.

No canto escuro, era quase impossível vê-la. Mas eu sabia que estava ali, a olhar-me.

Permaneci perto da janela, quieto, a ouvir a sua respiração e os seus subtis movimentos.

“Temos que aprender a recordar os seus espíritos.” – disse finalmente.

Embora não fosse claro o que lhe estava a acontecer, a rapariga estava certa.

A cratera, como uma metaficção, tinha despoletado uma espécie de transição radical na história da evolução humana. Representava a chegada de um Mundo Novo.

RINGUE

de Ana Velez

O projeto individual de Ana Velez (1982), *Ringue*, parte da analogia entre a superfície pictórica e o terreno de jogo: são ambos territórios delimitados, sujeitos a regras próprias, apenas válidas no seu interior: são espaços puros.

Encontramos no trabalho de Ana Velez a recorrência do quadrado, da grelha e do monocromo, formas conotadas com a busca de pureza que orientou a Arte Moderna.

Fim último de uma disciplina que se queria libertar de todo o constrangimento externo, o monocromo quadrado afirma Pintura no seu estado mais essencial, literal, puro.

As variações que Velez trabalha dentro deste género desenvolvem-se numa prática que se pode designar de Pintura em campo expandido:¹ objectos que, não sendo pinturas convencionais, desenvolvem um carácter pictórico fora do suporte tela.

Se no trabalho de Ana Velez nos chegam ecos daquele estado de pureza que o monocromo preconiza, encontramos, também, a sua negação. Longe de serem espaços puros, estes monocromos são, afinal, extraídos do quotidiano, aspecto que rumoreja qualquer coisa de ready-made (e, assim, se opõe à pura abstração).

Neste sentido, a exposição reúne porcelanas feitas a partir de paralelos de calçada, Polaroids e fotografias intervencionadas, elementos que têm como remetente comum a vivência pessoal da artista.

Poder-se-ia falar de monocromos encontrados, elementos do dia-a-dia que um olhar pictórico isola e converte em espaço puro. O mais correcto será, porém, falar-se de monocromos decantados: formas abstratas obtidas através de um processo de filtragem e subtracção dos seus elementos constitutivos: luz, forma, cor e identidade.

“A repetição pode ser recuperação, renovação e reavaliação”,² diz-nos David Batchelor a propósito do monocromo. Se a pintura pode ser um jogo, com regras e um espaço próprios, difere daquele na medida que, para poder continuar, admite que as suas regras possam ser dobradas e transgredidas.

Ao não aderir totalmente às regras, a Pintura de Ana Velez tem uma acção renovadora sobre o monocromo. A repetição define-o, à vez, como um espaço puro, mas também como forma carregada de História, e ainda, repositório pessoal de experiências vividas.

Objectivo e subjectivo, histórico e atemporal, é nesta polivalência que o monocromo afirma a sua permanente atualidade.

Ringue é a oitava apresentação individual de Ana Velez.

Jorge André Catarino, Fevereiro, 2023

¹ Cf. Isabel SABINO, *A pintura depois da pintura*, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2000.

² David BATCHELOR, “Na Cama com a Monocromia”, in: *Pintura Redux: desenvolvimentos na última década*, ed. Delfim SARDO, Público, Serralves, Lisboa, 2006, p.133.

Short biography:

DUARTE AMARAL NETTO (PT, 1976) lives and works in Lisbon, he studied Photography at Ar.co - Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisbon, and holds a European Master of Photography Master's degree from IED Madrid. He received the Grand Prix du 48ème Salon de Montrouge in Paris and was nominated for the 8th Edition of the BES Photo Award (2012).

"Duarte's work is a constant appeal to the narrative suggestion of the image. As a spectator, one is always left with the feeling that the image is only a hint of something that extends beyond what is represented, beyond the unique moment that is made visible." (Sérgio Mah)

Amaral Netto teaches Photography at the Polytechnic Institute of Tomar since 2003 and is a founding member of HÉLICE, an association that aims to promote and disseminate photography-based projects. His work has been presented in several solo and group exhibitions in France, Spain, Holland, Germany and Portugal, among others.

Short biography:

ANA VELEZ (PT, 1982) lives and works between Lisbon and Madrid.

She has a degree in Fine Arts from Accademia Albertina de Belle Arti in Turin and from the Faculty of Fine Arts in Lisbon. She also holds an MFA in Painting from the same university.

She uses drawing as a directional tool, questioning its multiple material possibilities, which led her to develop her practice in public space.

Through her work, she approaches identity-based themes built on three ideas: place, memory, and body, highlighting the place as a container of memory and identity.

She was a recipient of the Fundo de Fomento Cultural Ministério da Cultura [2020], Fundação Calouste Gulbenkian Support for Internationalization [2013], and Collezione Peggy Guggenheim Scholarship [Venice, Italy 2007], amongst others.

Her work is present in numerous private and institutional collections in Portugal, Spain, France, Italy, Switzerland, Russia, and Mexico.



10.03 —
05.05.2023

Ana Velez
Ringue

A Tale for Cratera

When I entered the room, the girl leaned back, looked fixedly at me for some seconds and continued looking out of the window.

“I am glad that you came back” - she said. “Everything is still dark, with no distinction between day and night.”

Silence.

“Look” – she said. “I’ve been watching a man. He is able to talk with clouds and is disguised as a tree. Can you see him standing?!”

I looked out of the window. It was dark.
From the outside, a cold, diffused light illuminated her face.

“Here’s my theory”- the girl said. “Things are not as we see. The crater is changing everything.”

“The crater?” - I replied.

“Yes. Didn’t you see the movie?”

“Which movie?”

“The movie about the monolith” - the girl said. “The monolith, as the crater, has its own energy; its own mind. It is producing a great electromagnetic field that is able to change images. It is changing everything that we see.”

The girl turned to face me again.

“Do you know that images produce changes in consciousness?” - she said, smiling, as if trying to comfort me.

“We are changing through them” - she continued.

“First, we lose their light. All gets similar, alike. Then, we lose the sense of time.” - She nodded in silence while moving away to a darker corner.

“No cycles, no forms. We slowly lose the knowledge about things. Do you get this?” - she insisted. “Animal, tree, rock, hand, table ... what is there behind the names?”

We stayed silent for a while.

At the dark corner, it was almost impossible to see her. But I knew that she was there, looking at me. I remained near the window, quiet, hearing her breath and her subtle body movements.

“We must learn to remind their spirits.” – she finally said.

Although unclear what was going on with her, she was right.

The crater, as a metafiction, was the trigger to some sort of radical transition in the history of human evolution. It represented the upcoming of a New World.

RINGUE

by Ana Velez

Ana Velez’s (1982) solo project *Ringue*, is based on the analogy between the pictorial surface and the playing field: both are delimited territories, subject to their own rules, only valid inside: they are pure spaces.

In Ana Velez’s work, we encounter the recurrence of the square, the grid, and the monochrome, forms associated with the pursue for purity that guided Modern Art.

The ultimate end of a discipline that sought to free itself from all external constraints, the square monochrome affirms painting in its most essential, literal, pure state.

The variations that Velez works within this genre develop a practice that may be termed as Painting in the Expanded Field:¹ objects, not being conventional paintings, develop a pictorial character outside the canvas.

In Ana Velez’s work, we don’t only find echoes of the state of purity that the monochrome advocates, but we also come across its negation. Far from being pure spaces, these monochromes are, after all, taken from everyday life, an aspect that hints at something of a ready-made nature (and thus opposing pure abstraction).

In this sense, the exhibition features porcelains made from cobblestone parallels, polaroids, and intervened photographs, elements that have as common consigner the artist’s personal experience.

One could speak of found monochromes, everyday elements that a pictorial gaze isolates and converts into pure space. However, it would be more accurate to speak of decanted monochromes: abstract forms obtained through a process of filtering and subtraction of their constitutive elements: light, form, colour, and identity.

“Repetition can be recovery, renewal, and re-evaluation”, asserts David Batchelor about the monochrome. If painting can be a game, with its own rules and space, it would differ from the former insofar as it admits its rules to be bent and transgressed.

By not completely adhering to the rules, Ana Velez’s paintings perform a renovating action on the monochrome. The repetition therein defines it as a pure space, as well as a form loaded with history, and in addition, as a personal repository of lived experiences.

Objective and subjective, historical and timeless, it is in this polyvalence that the monochrome affirms its permanent actuality.

Ringue is Ana Velez’s eighth solo presentation.

Jorge André Catarino, Fevereiro, 2023

¹ Cf. Isabel SABINO, *A pintura depois da pintura*, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2000.

² David BATCHELOR, “Na Cama com a Monocromia”, in: *Pintura Redux: desenvolvimentos na última década*, ed. Delfim SARDO, Público, Serralves, Lisboa, 2006, p.133.